

PROJETO CENTRAL: NOVOS DADOS¹

Maria da Conceição Beltrão*

O estado atual das pesquisas em Paleontologia caracteriza-se por um conjunto de descobertas que vem alterando profundamente seu campo de atuação.

Modernamente, por exemplo, vem sendo discutida a necessidade de ajustes necessários à teoria darwiniana. Com efeito, a teoria da Evolução não pode ser mais demonstrada como um processo “ passo a passo ” porque faltam, segundo os especialistas, muitos elos, isto é, há, no processo evolutivo, saltos genéticos.

Por outro lado elos surpreendentes evidenciam correlações que, segundo os mesmos especialistas, não podem ser explicados dentro do esquema proposto por Darwin.

No campo específico da Paleontologia Humana um conjunto surpreendente de descobertas perturbadoras têm revelado a existência, fora da África, da presença humana tão antigas quanto as daquele continente. Além disso, elos mais recuados que os africanos, entre homens fósseis e modernos, vem sendo encontrados na Eurásia.

Entre esses achados surpreendentes listamos:

1. A descoberta em Java, já em 1941, de uma mandíbula de *Australopithecinae* com dentes semelhantes aos do *Homo erectus* de Choukoutien, China.
2. Os achados do mesmo tipo em outras partes do Sudeste Asiático, datados de 1.8-2 milhões de anos ou mais;
3. A descoberta em Djetis, também em Java, de dois crânios datados em 1.9 milhão de anos, cujas morfologias e volumes (900 cc) sugerem tratar-se do *Homo erectus*.

1. Conferência proferida com utilização de *slides*.

* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

4. A possível existência de um sítio arqueológico localizado na Sibéria e datado pelo método do paleo-magnetismo em 2.5 milhões de anos.
5. A possível existência de um sítio arqueológico em Itaboraí, Estado do Rio de Janeiro, Brasil, datado pelos métodos da relação silte-argila e do grau de atividade do ferro, revelando idades que seriam tão antigas quanto as mais antigas da África e Ásia.
6. A descoberta de dois crânios em Hubei, China, com características comuns ao *Homo erectus* e *Homo sapiens* e idades estimadas em 350 mil anos.
7. A descoberta em Atapuerca, Espanha, de três crânios datados em 300 mil anos, com tamanhos e formas correspondentes a um estágio inicial da evolução de um sapiens (Neandertal).

É dentro desse panorama mundial de mudanças muito rápidas que se inserem as nossas descobertas na Toca da Esperança, Bahia.

Serão abordados no decorrer de nossa conferência, outros assuntos relacionados à Região Arqueológica de Central.

A Toca da Esperança

O Projeto Central desenvolve-se no Nordeste do Brasil, em uma área de 270.000 km quadrados do Estado da Bahia, onde se situam cerca de 250 municípios (243 em 1982). Em um desses municípios – Central, que deu nome ao Projeto – situa-se a Toca da Esperança, cuja ocupação humana foi datada em pelo menos 295.000 anos pelo método do urânio-tório.

A gruta (Toca) da Esperança foi escavada a 610 m acima do nível do mar, nos calcários pré-cambrianos da Serra da Pedra Calcária. Elevase a 37 m da chamada Planície Calcária recoberta por vegetação de caatinga e se abre na direção noroeste com aproximadamente 18 m de comprimento por 18 m de largura. Integra um conjunto de três grutas além de uma pequena cavidade situada em posição mais baixa que as outras.

As prospecções e escavações que realizamos desde 1985 (e a partir de 1987 com a colaboração dos franceses) permitiram a identi-

figuração de uma estratigrafia que tornou evidentes as alternâncias climáticas ocorridas na Região, durante o Pleistoceno.

A camada Superficial, pulverulenta, revelou idades situadas entre 2.424130 anos A.P., e 7.740150 anos A.P. (já com a correção de 20% para mais, proposta por Isaac Asimov para as datações obtidas a partir de carvões vegetais). Esta faixa cronológica deve corresponder às idades das pinturas existentes na gruta.

A camada I, subsequente, composta por uma crosta carbonática, alcançou uma idade de 22.000500 anos.

A camada II, constituída por um conglomerado anguloso consolidado; a camada III, constituída por silte; e a camada IV, por solo laterítico (todas contendo ossos de mamíferos pleistocênicos extremamente fossilizados) foram datadas, pelo método do urânio-tório, entre / 270.000 e /300.000 anos.

Embora a datação de ossos fossilizados pelo método do urânio-tório seja complexa e de difícil interpretação, acreditamos que os resultados aqui apresentados sejam válidos porque as amostras foram retiradas dentro de um rigoroso controle estratigráfico; as análises foram realizadas em três laboratórios distintos e, uma mesma amostra foi submetida a análise em dois laboratórios diferentes. Além disso, ossos diversos apresentaram composições isotrópicas similares. Aliás, foi por todas essas razões que um dos críticos do método, Bishoff, endossou nossos resultados e considerou a idade de 295.000 anos como idade mínima para a ocupação humana na Toca.

Os ossos de mamíferos pleistocênicos encontrados na Toca da Esperança (Camadas II, III e IV) apresentam-se bastante fragmentadas (8cm em média) sugerindo atividades do homem pré-histórico ligadas a descarnadura e retirada do tutano.

Contrariamente, nas depressões da Planície Calcária, onde o homem caçou, os ossos encontrados estão muito menos fragmentados podendo ser recuperadas partes inteiras daqueles animais.

As fraturas em curva encontradas em ossos na Toca da Esperança podem ser atribuídas aos homens que aí habitaram porque não são típicas do único grande carnívoro presente na Região: o *Smilodon populator populator*. O outro carnívoro, o *Arctodus (Pararctotherium) brasiliense* era um urso pequeno e devia se alimentar, como os grandes ursos hoje existentes, de frutas, raízes, insetos, pequenos roedores, peixes e aves.

Há fraturas que não foram encontradas na Toca mas que são comuns nas depressões, como a fratura em degraus ocasionada por pressão de sedimentos. Aliás, para melhor entendermos o papel da natureza nas fraturas de ossos, estamos realizando, com utilização de ossos de equídeos e a ajuda de um veterinário, um trabalho experimental em que participam Martha Locks e Lígia Zaroni. Já foram observados dois tipos de fraturas, ambas longitudinais, causadas por intemperismo.

Quanto aos artefatos – além dos confeccionados em rochas (quartzito e quartzo) – registramos apenas um confeccionado em osso (Paleolhama) que apresenta dois lascamentos uniformes de cada lado da diáfise. Trata-se de um perfurador que sugere sua utilização na confecção de vestimentas de couro.

Graças às pesquisas que realizamos na Toca da Esperança, os mamíferos pleistocênicos brasileiros foram pela primeira vez datados entre 22.000 e pelo menos 295.000.

Analisando o comportamento dos mencionados mamíferos concluímos que a gruta não serviu de refúgio a esses animais. Apenas um dente do + *Smilodon populator populator* foi encontrado (M₂D) de um espécime muito jovem o que indica que ele não usou a Toca como refúgio. Foram encontrados muitos ossos de + *Eremotherium laurillardii* mas ele não era um animal rupícola e sua grande estatura (cerca de 4 m) era incompatível com a altura da gruta que varia de 1.60 m a, no máximo, 4.25 em alguns pontos, acima do piso atual.

Quanto aos tatus gigantes (+ *Propaopus sulcatus*, + *Panoctus* sp. e + *Pampatherium humboldit*) não eram igualmente animais rupículas e não eram capazes de subir até a Toca. Além disso, como bem observou W.A. Akersten (1985), um especialista em tigre-dente-de-sabre, os caninos do *Smilodon* eram relativamente frágeis e não serviriam como “can openers” de gliptodonte (também um tatu-gigante) como se supunha anteriormente. Portanto, a presença dos tatus-gigantes na gruta só pode ser explicada, em nosso entender, pela ação humana.

Até agora não foi encontrada na Toca da Esperança nenhuma parte de esqueleto humano. No entanto, em uma das grutas da Região Arqueológica de Central – a Gruta das Onças, em Jacobina, foram descobertos por Cartelle (um dos nossos colaboradores) dois esquele-

tos do chamado Homem de Lagoa Santa que se achavam depositados aparentemente em uma camada superior àquela em que foram encontrados os ossos de mamíferos pleistocênicos. A posição estratigráfica dos achados é coerente com a idade holocênica geralmente atribuída a esse homem pré-histórico. Um dos dois crânios encontrados – o que integra o acervo do Museu Nacional foi enviado ao Dr. R. E. Taylor, da Universidade da Califórnia onde está sendo datado pelo método do C14 em acelerador nuclear.

Em um dos salões de outra gruta, Toca dos Ossos Humanos, localizada na fazenda So Lon Ribeiro de Souza, ao norte do Município Central, foram encontrados, em um nicho, 65 ossos humanos e 5 dentes. Trata-se, provavelmente, de um mesmo indivíduo com idade estimada em 30 e 35 anos. A datação foi obtida a partir das costelas no laboratório Beta Analytic Inc. alcançando uma idade de 1.33070 A.P.

Está sendo apresentado nesta Reunião um trabalho com Martha Locks e Sheila Mendonça de Souza que tem por objetivo registrar no colo do M₂D a presença de um sulco interdental associado a uma grande cárie cervical. Este sulco resultou da ação de um objeto rígido e de ponta fina utilizado como um palito. Um espinho de mandacaru foi provavelmente usado para introduzir um anestésico na cárie para aliviar o desconforto.

Foram encontradas no esqueleto outras patologias, além de sequelas traumáticas. As patologias dentárias sugerem dieta branda, rica em carboidratos. A antiguidade obtida para o achado e sua colocação em prateleira parecem indicar que o indivíduo pertencia a um grupo horticultor.

Os resultados obtidos em relação ao DNA do indivíduo foram publicados em 2 congressos.

Ossos em prateleiras de abrigos foram encontrados por Ondemar Dias no Estado do Rio de Janeiro (Tradição Una, Fase Mucuri) e um caso semelhante a este, agora apresentado, foi registrado por Lília Machado em 1984, no sítio Corondó, também no Estado do Rio, em uma amostra de 120 indivíduos.

A tradição astronômica

Márcio Campos (1985) já chamava a atenção para o caráter inédito das pesquisas em Central, Bahia, afirmando que na América do Sul só encontravam precedentes na região andina. Em trabalho publicado na *Revue L' Anthropologie* (1989) reconhecíamos na pré-história brasileira três níveis de complexidade do conhecimento astronômico: 1) representação pura e simples dos astros observados; 2) representação de fenômenos astronômicos (trajetórias e conjunções, etc.); 3) representação de fenômenos complexos como o do solstício, entre outros. Em 1990 dividíamos arbitrariamente as representações em fenômenos cíclicos e fenômenos incomuns e reconhecíamos a existência de convenções (signos, símbolos e eventos). Em 1991, configurávamos uma Tradição Astronômica de grande extensão temporal – que indicadores absolutos e relativos situavam entre 1270 AP e 30.000 AP – caracterizado pela presença de mãos, setas, lagartos, signos/símbolos, utilização de animais pleistocênicos e atuais, relação céu e terra, superposição intencional de pinturas, utilização dos alucinógenos, etc. Já em 1990, aventávamos a hipótese de que os responsáveis por essas representações cosmológicas seriam ancestrais dos Jê. A representação do plano de uma aldeia Jê com superposição intencional de vários eventos astronômicos no sítio do Pintado, Morro do Chapéu, Bahia, veio confirmar nossa hipótese. A invasão Tupi teria sido responsável pelo desaparecimento desse traço cultural.

Hoje falaremos de algo novo ligado a Tradição Astronômica: a presença de Calendários. Em Central o contraste entre o dia (sol) e a noite (lua) foi mostrado pictóricamente através de suas respectivas trajetórias aparentes.

A mais antiga representação pictográfica parece ser a da trajetória aparente da lua no *Canyon* da Fonte Grande II. Há no grande painel, dominado pela presença de ursos pintados, a figura central de um *Arctodus* (urso-de-face-curta) sobre o qual foi representada intencionalmente a trajetória aparente da lua.

Consideramos esta representação como sendo possivelmente a mais antiga não só porque o urso foi pintado a partir de borriões de

2. Angela Rabello prepara tese de Mestrado sobre o simbolismo das mãos na Tradição Astronômica.

tinta preta azulada, mas também por ter sido utilizada a técnica de contorno para compor a figura do animal. Além disso, o urso é incompatível com a caatinga que se instalou na Região (segundo Ab'Saber) há uns 18 mil anos. Há ainda a considerar, em nosso entender, outra forte razão: estamos convencida da existência, grosso modo, de sincronismos mundiais em termos culturais, o que necessariamente implicaria na existência de diacronismo (pré-condições).

Assim, se há na França um calendário lunar de 30.000 anos proposto por Marschack, em 1964, existiriam em 2, 3, 4 partes do mundo pré-condições para o aparecimento de calendários com idades similares.

Aliás, o conhecimento da trajetória aparente da lua nas quatro estações expresso pelo homem pré-histórico em Central deve ser considerado o elemento mais antigo e fundamental para o aparecimento de calendários. Com efeito, a observação da periodicidade das fases da lua conduziu o homem pré-histórico a idéia do mês lunar com divisões em *semanas* que corresponderiam, grosseiramente, às fases da lua.

A lua teve, sem dúvida, em todo mundo uma grande importância para os caçadores pré-históricos. Até mesmo hoje, os modernos caçadores de Central – que utilizam técnicas de caça muito rudimentares – classificam as presas em animais de lua clara (caititu) e de lua escura (tatu-galinha) e observam que os porcos do mato (caititu) andam em direção à lua o que lhes facilita o ato de caçar.

Há na Toca do Cosmos um conjunto que parece comprovar a existência de calendários.

Ao lado da lua cheia há um Y (constelação de Câncer) e depois dois círculos raiados, um com 27 e outro com 28 traços no interior. Foi Rogerio Mourão o primeiro astrônomo a estabelecer a ligação entre esses círculos raiados e os calendários, embora Márcio Campos já houvesse previsto a existência de calendários a partir das representações das trajetórias solares.

Em Cosmos parece-nos que estamos diante de um calendário lunissolar porque existe a representação de outro círculo concêntrico igualmente raiado com 31 traços ligados por uma reta ao sol poente. Como se sabe, nos calendários lunissolares o dia começa ao anoitecer. Além disso, há na gruta, entre os calendários lunares representados (com 27 e 28 dias) e o calendário solar de 31 dias, um enorme círculo tendo ao centro nove outros de onde partem 108 traços de duas cores

alternadas: vermelho (sol) e pêssego (lua), sugerindo a intercalação periódica de um mês solar. (É curioso observar que 9 anos de 12 meses é igual a 108. A correção seria feita a cada 9 anos?).

Há também em Cosmos uma estrela colocada entre o que parece ser um calendário lunar e um solar que poderia representar o nascer helíaco, isto é, a primeira aparição anual de uma estrela no horizonte quando surgem os primeiros raios de sol. A aparição da estrela no horizonte oriental se dá pouco antes do amanhecer, isto é, fim da noite, começo do dia. Isto explicaria a presença dos dois calendários, um solar e outro lunar, tendo a estrela no meio. Se a estrela realmente representar o nascer helíaco teríamos que admitir a existência do Calendário Sideral que justamente se baseia no retorno periódico de uma estrela ou de uma constelação a uma determinada posição.

No Brasil algumas tribos serviam-se do nascer helíaco (Plêiades) para marcar o início do ano.

Em Central as quatro estações do ano eram representadas por figuras semelhantes a quatro Vs invertidos, inseridos um dentro do outro, de bases arredondadas e pontas igualmente arredondadas.

Na ponta curva à esquerda dos Vs era colocado o sol nascente em círculos concêntricos, no alto (base invertida do V) o sol do meio-dia e na parte curva do V à direita o meio-sol poente.

Na Toca do Cosmos as bases dos Vs, colocadas de cabeça para baixo, não são arredondadas, são angulares.

O início do ângulo à esquerda marcaria o meio-dia e o fim do ângulo à direita 15h47, momento em que o sol real recobre, na gruta, o sol pintado durante os solstícios de verão e inverno. Aliás as bases dos Vs invertidos são, em Cosmos, além de angulares, em número de duas, correspondendo exatamente aos dois meses do solstício. O fenômeno do solstício pode ser registrado anualmente em Cosmos em Junho e Dezembro entre os dias 22 e 26.

O conhecimento da divisão do dia em *horas* é mostrado pela colocação de pequenos quadrados (*horas*) que seguem parcialmente um V invertido e que corresponde a trajetória diária e aparente do sol. Deste modo quadrados pequenos são colocados à esquerda, direita ou sob um sol, pintado em preto. Por exemplo, os quadrados, em número de 4, estão à direita do sol, isto significa que o fenômeno do eclipse se deu quatro horas após o nascer do sol. Se, ao contrário estão à

esquerda do sol, o fenômeno ocorreu 4 horas antes do por do sol. Finalmente se os quadrados estão sob o sol, na parte correspondente à base do V colocado de cabeça para baixo, o fenômeno ocorreu por volta do meio-dia. A base do V torna-se angular para explicar por exemplo, a duração de um eclipse ou do solstício que começou por volta do meio-dia e durou duas horas ou mais.

Além da figura que corresponde a um V invertido e que representa a trajetória do sol em aproximadamente 12 horas, o homem pré-histórico aparentemente concebeu outra maneira de representar as "horas", bem próxima à idéia do relógio solar.

Trata-se de um conjunto pintado em vermelho que tem no meio um longo traço vertical de onde partem, para cada lado, traços menores formando 12 espaços de cada lado (maiores no alto) que corresponderiam às 12 horas do dia e às 12 horas da noite (horas com duração diferentes?). No alto em um dos lados do conjunto há um sol e do outro lado três estrelas, além de outras figuras. Há, na base, 12 retângulos (6 de cada lado). O conjunto poderia ainda ser interpretado como um calendário? Os doze retângulos da base representariam 12 meses?

Finalmente gostaríamos de informar sobre uma outra possível descoberta: em trabalho intitulado "Eventos, Signos e Símbolos na Pré-História Brasileira" (no prelo) apresentamos várias sequências de símbolos que foram classificadas em simples, complexas e mistas. Algumas delas estão sendo agora interpretadas como sequências de números. Em verdade, tempo tem relação com movimento, mudança, medida e portanto número. Grupos pré-históricos com conhecimentos complexos como os que aqui apresentamos poderiam perfeitamente representar o tempo numericamente.

O bumba-meu-boi e as pinturas rupestres da região arqueológica de central

Ocorreu-nos a idéia de identificar narrativas míticas nas pinturas rupestres, e eventualmente, vinculá-las a diferentes grupos linguísticos e suas migrações.

Ocorreu-nos igualmente a idéia de vincular algumas características das pinturas rupestres da Chapada Diamantina (*Canyon* do Riacho

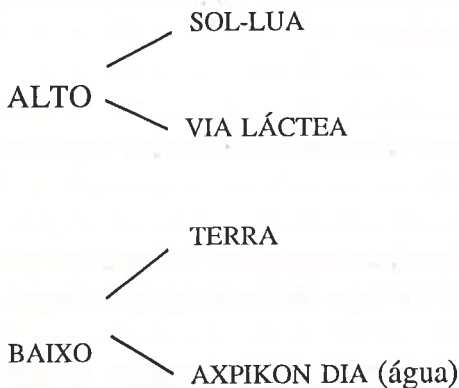
Largo, Tocas da localidade da Lagoa da Velha e Toca Bonita) ao auto popular mais importante do Brasil: o Bumba-meu-boi.

Além disso estamos utilizando o trabalho de Isidoro Alves (“As entidades Sobrenaturais na Cosmologia Desana” (1977) que por sua vez se fundamenta no material recolhido por G. Reichel-Dolmatoff no livro “Desana - Simbolismo de los indios Tukano de Uaupes, 1968”) para procurar identificar na farsa do Bumba-meu-boi a sinalização do caos subsequente do fim do mundo cosmológico do índio, como decorrência de seu contato com o civilizado. Convidamos Cascia Frade para em trabalho conjunto futuro explicar em detalhe o que é o Bumba-meu-boi.

Segundo Isidoro Alves, citando G. Reichel-Dolmatoff o mundo cosmológico Desana expresso em narrativas míticas (grupo Tukano do Alto Rio Negro) é marcado por oposições que devem ser mediadas. Intermediários divinos aparecem “no mito da criação como personagens decisivos da relação alto/baixo. São personagens criados pelo PAI SOL”. As entidades sobrenaturais, em condições especiais, quando em contato com o plano da sociedade, permitem a passagem de um plano a outro do cosmos (intermediações que servem de canais de comunicação) para resolver oposições.

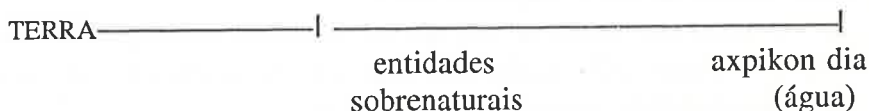
Há, portanto, (segundo Isidoro Alves citando Lévi-Strauss) um desdobramento de oposições/intermediações em cadeia triádica: os pares de oposição só tem sentido em um conjunto ternário que se desdobra em cadeia (intermediações).

Por exemplo:

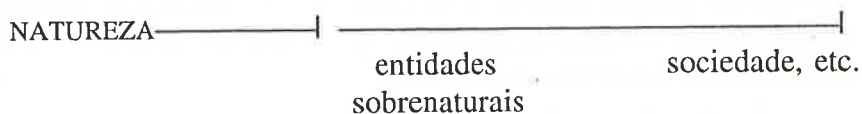


Ainda segundo Isidoro Alves este esquema comporta inúmeras variações com a entrada em cena de entidades sobrenaturais (intermediários divinos, as personagens da noite, o dono dos animais e os espíritos da selva).

Exemplo:



ou ainda



Segundo os autores citados o mundo cosmológico Desana preocupa-se ainda com o controle da fertilidade tanto humana quanto animal.

Entre as Entidades Sobrenaturais são citadas por aqueles autores: Os intermediários divinos criados pelo SOL que procuram a fertilidade da vida.

São intermediários divinos:

EMĚKORÍ-MAXSÉ – (representa o bem) personagem do dia, das normas, regras, tradições (está presente nas celebrações rituais e festas). Embora invisíveis são presenças sentidas.

DIROÁ-MAXSÉ – (representa o bem) personagem do sangue, vida sã, parto das mulheres.

VIXÓ-MAXSÉ – personagem tanto do bem quanto do mal. Mora na Via Láctea e é o intermediário principal entre o Pajé e as outras entidades. O PAJÉ toma o Vixó (pó alucinatório) e se transporta para a Via Láctea. Tanto o Vixó-Maxé como o Pajé tem o poder de transformação.

PAJÉ – homem que reúne tanto os dons do bem quanto do mal - necessita do Vixó-Maxsé para entrar em contato com o EMĚKORÍ e

o DIROÁ. Para tanto toma o Vixó (pó alucinatório) e se transporta para a Via Láctea (outro plano do cosmos). Uma das principais funções do Pajé é entrar em contato com o dono dos animais - o WAI-MAXSÉ - para contratar a caça a ser feita, trocando determinados números de animais pelo equivalente em pessoas cujas almas não irão para o paraíso (fundo do rio = Akpikon Dia).

O dono dos animais WAI-MAXSÉ é a personificação da vida sexual dos animais. O caçador tem que cumprir normas sociais precisas para se relacionar com o dono dos animais.

Os NYAMIRI-MAXSÉ - são personagens da noite. Agem como intermediários dos malefícios e bruxarias. Ingressaram nos morros do WAI-MAXSÉ porque durante a vida não observaram regras morais. São intermediários do escuro, da noite, das proibições sexuais e portanto do feminino, isto é dos malefícios.

Espíritos da selva

São os Boraro ou Kurupira e os Uáxti. Os Boraro são entidades intermediárias na relação sociedade/natureza. Apresentam-se sob a forma antropomorfizada, mas podem se transformar em cervo selvagem ou o veado e, ainda em outros animais o que faz com que o caçador não os cace. Por ação do Boraro os homens podem passar ao mundo dos animais da selva. "Isto acontece quando o Boraro depois de triturar os ossos de um caçador que cai em suas mãos, tira os ossos, infla novamente o corpo da pessoa que volta a aldeia consciente do seu estado. No outro dia, o homem já com a voz do Boraro e fumando um tabaco ritualmente preparado, vai ao encontro do Boraro passando a viver num morro com os animais". Os Boraro, contrariamente às personagens da noite, tem sua ação difícil de ser controlada porque agem no plano da natureza.

UÁXTI - tem forma antropomorfizada. Os espíritos das selvas tem pênis grande que significa a não observância das normas sexuais que representa perigo para os caçadores,

A ação dos espíritos da selva só pode ser controlada por um comportamento social adequado.

Vários pares de oposição podem ser reconhecidos na que chamamos de “Tradição Astronômica” (mágica-religiosa-cosmológica) de Central:

CÉU - TERRA

ALTO - BAIXO

NATURAL - SOBRENATURAL, etc.

Vejamos agora se as características das pinturas rupestres de Central de alguma maneira se encaixam no mundo cosmológico Desana e se há sobrevivências desse mundo cosmológico indígena no Bum-ba-meu-boi.

Antes de mais nada torna-se necessário, porém, que esclareçamos alguns outros aspectos da narrativa mítica dos Desana (ainda segundo os autores citados). O Jaguar não está subordinado ao dono dos animais (Wai-Maxsé) por ser o principal representante do SOL na Terra. Ele conecta o alto e o baixo, nada nas águas, anda de dia e de noite, portanto, como mediador participa de vários planos do cosmos. Pode também passar ao plano da cultura (porque o pajé pode se transformar em jaguar). Outro aspecto importante da narrativa mítica é que o primeiro Desana “coabitou” com a filha da truta (Isidoro Alves citando G. Reichel-Dolmatoff).

No conjunto pictórico registrado no *canyon* do Riacho Largo, localizado a 18km do município de Central, há um grupo de caçadores enfrentando um animal de grande porte. O animal representado foi identificado como um *Toxodon platensis* (Owen, 1940), animal pleistocênico herbívoro que teria se extinguido há uns 11 mil anos (talvez pouco menos). O toxodonte está representado com pernas e pés de cervídeo (animal que possui apêndice duro sobre a fronte, galhada) e os homens empunhando armas que o enfrentam com dedos de emanos pés e nas mãos. Ao alto à esquerda há a representação de um felídeo.

Este tipo de “relação” (oposição) mamífero-ave pode ser exemplificada em vários outros sítios arqueológicos, entre eles os já citados da localidade de Lagoa da Velha).

No conjunto da Lagoa da Velha a “relação” oposição (mediada)

mamífero (homem ou galheiro do pantanal) e ave (ema) se traduz não só na troca de alguns de seus aspectos morfológicos (ema com galhada de cervídeo na cabeça, galhada de cervídeo sendo utilizada para servir de asa ao macho da ema, etc.) como nos aspectos comportamentais (cervídeos com patas dianteiras tridáctilas agredindo um antropomorfo; pequenos e grandes bandos de cervídeos e emas caminhando).

Estaríamos também diante de oposições (algumas não convenientemente resolvidas).

Na Toca da Lagoa da Velha, localizada na localidade do mesmo nome em Morro do Chapéu, há ausência de figuras femininas, há homens dançando, há homens (ou entidades com enfeites de ema (?)) na cabeça e galhada (?) do galheiro do pantanal na mão. Há, aparentemente uma entidade (?) com chicote na mão conduzindo um bando de emas (Wai-Maxsé). Há uma figura masculina (caçador) segurando uma lança do tipo serrilhado (na classificação de Métraux). Há um homem transnudado em ema (Pajé ou Vixó Maxsé). Um outro grupo linguístico, os Jê, identificam a ema com a Via Láctea.

O conjunto parece representar celebrações rituais ligadas a caça. Encontra-se na parede esquerda à entrada da Toca da Velha (no alto da Lagoa da Velha). Na Toca propriamente dita há, no teto, a representação de um sol nascente, da trajetória aparente do sol e de um SOL com 1 metro de diâmetro. No chão da Toca há um bloco rochoso com a representação de um peixe além de outras representações. Entre o "alto" teto (sol) e o "baixo" solo (peixe) há no fundo do chão da Toca, que é mais elevado, um bloco rochoso com representação de um cometa. Seria o cometa um intermediário como a Via Láctea? Há várias outras figuras antropomorfizadas que poderiam perfeitamente corresponder aos Intermediários Divinos dos Desana. Além disso o SOL de um metro de diâmetro opõe-se (alto-baixo) ao peixe que seria a "truta" dos Desana. Aliás a truta não é peixe sul-americano e está para um outro peixe a ser identificado, como o boi (que tem chifre) está para o cervídeo (que tem galhada).

Já nas pinturas históricas* da Toca Bonita, localizada na Fazenda

* Salete Neme prepara Tese de Doutorado utilizando pinturas rupestres do período histórico.

Pau d'Arco no Município de Central as pinturas aí representadas (possivelmente sécs. XVII, XVIII ou XIX?) compõem situações típicas da atividade predominante na área e representam o boi, o homem, a ema, o jegue, a viola (ou rabeca) enfeitada com fita. Ressaltamos ainda a curiosa representação de um homem que parece "estar na ema" (incorporação?) expressão vigente sobretudo no Nordeste, hoje usada para definir o andar trôpego dos embriagados. Há, na Toca uma representação que poderia corresponder ao Wai-Maxsé: um homem pequeno, embora não pintada em vermelho como usualmente esta entidade é descrita.

Apresentaremos, a seguir, neste primeiro enfoque, os pontos concordantes entre as pinturas rupestres de Central, a narração mítica dos Desana e o Bumba-meu-boi (este último só registrado em 1840 no periódico, "O Carapuceiro", em Recife onde, em nosso entender, já aparece desfigurado pelo processo sincrético que o estruturou camuflando sua origem étnica).

No Bumba-meu-boi há, como na narrativa mítica dos Desana, personagens humanas, animais e entes fantásticos. Essas personagens no "Bumba", giram em torno de uma oposição: vida-morte. Essa oposição é às vezes resolvida pela intermediação do Pajé (nem sempre hoje no Bumba-meu-boi o animal morre, portanto, nem sempre resuscita).

Em nosso entender o "Bumba" é a recriação de um mito (ou de vários mitos) onde o mundo cosmológico indígena aparece desintegrado.

O "Bumba" representa o caos social: o dono da fazenda não é o verdadeiro dono dos animais e sim o vaqueiro (caçador) que é portanto o Wai-Maxsé. O caçador (vaqueiro) não é índio nem jovem, é negro e velho. Sua mulher, por ser a intermediária de um malefício – pediu a língua do "boi" (cervídeo) – sendo, provavelmente negra ou cabocla (escura) poderia ser identificada como a personagem da noite Nyamirí-Maxsé.

O vaqueiro não solicitou intermediação do Pajé ao Wai-Maxsé porque ele é, além de caçador, Wai-Maxsé. As normas sociais não foram, portanto, seguidas pelo caçador, que, no ato de caçar, passou do plano da sociedade para o plano da natureza sem intermediação.

RIACHO LARGO	LAGOA DA VELHA	TOCA BONITA	BUMBA-MEU-BOI
<i>Relação mamífero-ave</i> (homem, galheiro do pantanal, toxodonte e ema)	<i>Relação mamífero-ave</i> (galheiro do pantanal, homem e ema)	<i>Relação mamífero-ave</i> (homem, boi e ema)	<i>Relação mamífero-ave</i> (boi e ema)
<i>Transmutação ou incorporação</i> Um mamífero se transmuta em outro animal (galheiro do pantanal em toxodonte (ambos mamíferos) e o homem em ema.	<i>Transmutação ou incorporação</i> Homem em ema (Pajé ou Vixó-Maxsé) Antropomorfo se confunde com o corpo da ema.	<i>Transmutação ou incorporação</i> Homem que "está na ema" (Pajé ou Vixó-Maxsé) Ema (macho) com rabo de galo.	<i>Transmutação ou incorporação</i> Homem em boi, outros animais e seres fantásticos. Presença do Pajé, benzedeira, curandeira.
<i>Caça</i> Homem-ema com lança do tipo serilhado enfrentando o toxodonte.	<i>Caça</i> caçador com lança tipo serilhado.	<i>Caça</i> Burrinha ou jegue transpaçada por uma lança ou flecha	<i>Caça</i> Vaqueiro (= o caçador que mata o boi)
<i>Adornos</i> Geométricos, hoje quase invisíveis recobrem o toxodonte e saem parcialmente do animal (sentido mágico)	<i>Adornos</i> Entidades (formas antropomorfizadas) enfeitadas na cabeça (penas de ema) e nas nádas.	<i>Adornos</i> Homens com chapéus. Fita na viola ou rabeca.	<i>Adornos</i> Homens podem ter penas de ema na cabeça e enfeitadas nas mãos além de diversos outros adornos.
<i>Figuras humanas masculinas</i>	<i>Figuras humanas masculinas</i>	<i>Figuras humanas masculinas</i>	<i>Figuras humanas masculinas</i>
<i>Dança</i>	<i>Dança</i> Homens dançando.	<i>Dança</i>	<i>Dança</i> Homens dançando.
<i>Instrumentos musicais</i>	<i>Instrumentos musicais</i>	<i>Instrumentos musicais</i> Viola ou rabeca	<i>Instrumentos musicais</i> Viola, rabeca e vários outros
<i>Entes fantásticos</i> Toxodontes que tem perna e pés de um cervídeo (provavelmente o galheiro do pantanal). Homem-ema	<i>Entes fantásticos</i> EMÉKORÍ-MAXSÉ (figura humana pintada em vermelho, no meio de homens dançando). Homem-ema (Pajé ou Vixó-Maxsé), Boraro - figura antropomorfizada extremamente grande, pintada em amarelo. Wai-Maxsé, figura antropomorfizada com espécie de chicote conduzindo bando de emas. Há outras figuras antropomorfizadas que poderiam ser as outras que aparecem na narração mítica Desana.	<i>Entes fantásticos</i> WAI-MAXSÉ e um animal não identificado provavelmente fantástico (quadrúpede com uma espécie de trompa de ponta fina).	<i>Entes fantásticos</i> Ema (Via-Láctea) que representaria o VIXÓ-MÁXSÉ, CAIPORA, JARAQUA, NYAMIRÍ-MAXSÉ (mulher do vaqueiro, intermediária de malefícios (negra ou cabocla?).
<i>Componente erótico da caça</i> Homem-ema com falo chegando aos pés.	<i>Componente erótico da caça</i> Presença do Wai-Maxsé (o dono dos animais, que personifica a vida sexual dos animais) conduzindo um bando de emas. Cena de acasalamento do galheiro do pantanal.	<i>Componente erótico da caça</i> Animal fantástico com trompa fina (sentido fálico?)	<i>Componente erótico da caça</i> O vaqueiro (caçador retira a língua do boi (sentido fálico). O vaqueiro é no Bumba o verdadeiro dono dos animais e portanto é também Wai-Maxsé (integração que revela: desintegração social

O vaqueiro (caçador e Wai-Maxsé), agora já com a ajuda do Pajé (intermediação), ressuscita o boi (vida-morte/ oposição/ intermediação/ ressurreição).

O "Bumba" é a desintegração da narrativa mítica da criação do mundo cosmológico do índio. Representa o caos instalado em seu mundo cultural em consequência do contato com o civilizado.

O "Bumba" de hoje é religião transformada em farsa.